

Xadrez: estratégia de ensino



Professores da Rede Municipal de Ensino de Serrana recebem capacitação de um mestre de xadrez

Usar o xadrez como ferramenta de inclusão social e desenvolvimento intelectual era um projeto antigo da professora de matemática Renata Onório Ribeiro, da Escola Profª Maria Celina Walter de Assis, da rede Municipal de Ensino de Serrana. Há mais de cinco anos ela e mais dois professores de educação física vinham tentando estimular a prática do xadrez pelos alunos, porém não tinham material adequado e nem conhecimento específico. No início do segundo semestre o Projeto Xadrez foi apresentado pela Escola à Secretaria da Educação de Serrana, que convidou a Pedra Agroindustrial para ser parceira na empreitada. O Grupo, um dos maiores empregadores da cidade e tradicional apoiador da arte, cultura e educação, aceitou na hora.

Em princípio seriam envolvidos apenas os professores de matemática e educação física, mas como a Usina contratou um mestre em xadrez, Ricardo Rogério de Oliveira, professores de todas as disciplinas se envolveram no Projeto e hoje recebem treinamento. A Pedra Agroindustrial doou ainda 150 jogos (tabuleiros e pedras)

e um jogo com pedras gigantes para demonstrações.

A capacitação foi dividida em três módulos: básico, intermediário e adiantado, com quatro meses de duração cada um. As orientações teóricas e práticas acontecem aos sábados, e muito professores estão aprendendo, junto com os alunos, um dos mais antigos jogos de tabuleiro do mundo. O xadrez estimula o desenvolvimento de diversas habilidades cognitivas: atenção, disciplina, memória, concentração, raciocínio lógico, estratégia, entre outros, por isto cada professor usa o Projeto de uma forma diferente. A professora de português, Rose Moraes Silva, trabalha no estímulo à leitura com o desenvolvimento de uma peça de teatro para contar a história do jogo desde a idade média. Os professores de geografia e história estimularam a pesquisa sobre o assunto, como as mudanças das figuras das pedras, resultantes dos acontecimentos históricos, principalmente as ocupações territoriais. A metodização e o domínio do conhecimento do plano cartesiano são os maiores desafios do jogo explorados pela matemática. As

possibilidades são imensas, mas o que os alunos gostam mesmo é de jogar. O nível de concentração, atenção e a disciplina nas aulas mudou. É que a prática de xadrez só acontece depois de realizadas as tarefas de classe.

Todas as 5ª séries da Escola fazem parte da iniciativa, cerca de 600 alunos. Apesar do pouco tempo o projeto já dá frutos. O aluno Henrique José dos Santos Queluz foi o vencedor de uma categoria individual em um torneio amistoso em Ribeirão Preto. Difícil está sendo selecionar os alunos para as disputas. Como a prefeitura disponibiliza apenas um ônibus, são selecionados 40 alunos para representar a Escola.

Segundo a Secretária da Educação de Serrana, Maria Isabel Zamboni, o Projeto deve ser estendido a todas as escolas da rede, pois tem todas as ferramentas para proporcionar ao aluno um desenvolvimento ainda melhor da sua capacidade intelectual. Além disso, o xadrez melhora a autoestima dos alunos e a relação com a escola. “Hoje estar na escola é mais prazeroso, e o melhor comportamento em sala de aula foi uma das maiores conquistas do Projeto até agora”, encerra a Secretária.

Visita à Usina São Martinho



“Agronegócio na Escola” para vivenciar o

No ano de 2009 o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” foi aplicado na rede municipal de ensino de Ribeirão Preto, para alunos de 8º e 9º anos, com idades entre 12 e 14 anos. Um trabalho diferente do que vinha sendo desenvolvido desde 2001, com jovens entre 15 e 17 anos, alunos do ensino médio da rede estadual de educação.

Algumas diferenças foram sentidas desde o primeiro contato. Os alunos mais jovens são mais curiosos, atentos e não têm medo de perguntar e expor suas ideias. Eles surpreenderam pela sinceridade. Meninos e meninas da “cidade grande” tinham pouco conhecimento da interação que existe entre a zona rural e a urbana. Não ao ponto de achar que o “leite nasce na caixinha”, mas por considerar que as coisas no campo são sempre mais rústicas, menos tecnológicas, ou que têm pouca interferência em suas vidas.

Os professores contaram que depois que os alunos receberam o material distribuído pela ABAG/RP o interesse cresceu, pois passaram a fazer ligações entre algodão e calça jeans, eucalipto e caderno, látex e tênis etc.

Entre os professores esta conexão também foi surpreendente. Em geografia já haviam ensinado sobre ocupação do solo, os tipos de indústrias, os movimentos da economia. Em história já tinham tratado da chegada dos primeiros moradores à região, dos movimentos migratórios, da evolução do homem após sua fixação na terra. Em ciências assuntos como

filtração, destilação, germinação, controle biológico e aquecimento global foram temas de sala de aula, assim como as unidades de peso e medida, as frações, as porcentagens, as estimativas, na disciplina de matemática, e assim por diante. A diferença é que os assuntos de sala de aula foram parar na “vida real”, mais precisamente em um setor da economia que eles julgavam muito distante do dia-a-dia.

O primeiro passo foi a capacitação dos professores, que começou com uma palestra do Coordenador de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas e Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP, Roberto Rodrigues. Ele trouxe o assunto agronegócio para o centro da discussão, despertando os educadores para um setor complexo e dinâmico, que além de questões econômicas, sociais e ambientais, oferece subsídios para discussões nos mais diversos campos do conhecimento.

Os professores visitaram empresas do agronegócio para vivenciar a conexão teoria/prática: uma cooperativa, uma fábrica de óleo vegetal e duas usinas. Na Usina Batatais eles puderam percorrer todas as etapas de fabricação do açúcar e do etanol. Viram o funcionamento de uma usina termelétrica, que usa o bagaço de cana para gerar toda a energia que move a planta industrial.

Na fábrica de óleo da Carol, Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlandia, alguns conceitos de física, química e biologia saltaram aos olhos dos profes-



cola": oportunidade o conhecimento.

res. Conhecemos a história da Cooperativa e acompanhamos duas palestras: uma com o consultor André Pessôa, da Agroconsult, que traçou um perfil da dinâmica da produção de grãos no Brasil, e outra com o Presidente da OCB, Márcio Lopes de Freitas, que falou do conceito e da história do Cooperativismo. O que causou mais surpresa foi a descoberta da existência de 13 ramos no Cooperativismo Brasileiro. Os professores conheciam mais os ramos agropecuário e médico. Concluída esta etapa os professores começaram o trabalho em sala de aula.

A motivação para aprofundar o conhecimento e completar o ciclo de aprendizado ganhou impulso com visitas de campo. O professor sabe o momento de possibilitar ao aluno uma nova experiência para consolidar o conceito estudado em sala de aula. Dessa forma chegam melhor preparados para receber informações e, tanto professores quanto alunos, aproveitam melhor a oportunidade.

Os alunos do 8º ano da Escola "Sebastião Aguiar de Azevedo" visitaram o Centro de Educação Ambiental da Usina São Martinho. Ficaram encantados com o que viram. Assistiram a um vídeo sobre a usina, ouviram sobre os processos, produtos, trabalhos sociais, ambientais e educacionais. A maioria dos alunos não conseguia imaginar uma indústria no meio do campo. Jéssica Calone imaginava tudo mais simples, menor, com menos tecnologia, e que a usina produzisse apenas etanol e açúcar. Nunca tinha ou-

vido falar em levedura ou geração de energia elétrica pela queima do bagaço de cana. Ficou surpresa.

No CEA os alunos percorreram o Projeto Água e observaram simulações de consumo de água para lavar um carro, tomar banho, escovar os dentes etc. Também viram um mapa em relevo com os principais rios e bacias hidrográficas do Brasil, uma mata ciliar, uma nascente, ou olho d'água (tipos de Área de Preservação Permanente).

Dali os alunos seguiram para o viveiro de mudas. A Usina vem, ao longo dos últimos 20 anos, replantando árvores em suas fazendas. Desde 2000 apenas o Projeto Viva a Natureza resultou no plantio de 942.000 mudas. Deverá chegar a 1 milhão até o final do ano de 2009. Também produziu mais de 700.000 mudas para outras Usinas do Grupo, para entidades governamentais e empresas privadas. Os alunos conheceram o trabalho e ficaram maravilhados. Com a sinceridade que só os mais jovens têm, não se deram por convencidos. Heloisa Paixão, uma das mais "pergunta-deiras", saiu com esta: "Eu não imaginava que uma usina se preocupasse com o meio ambiente. Achei que era só desmatar para plantar. Mudei de ideia em relação a esta usina. Preciso reavaliar tudo o que eu pensava". Para o professor que acompanhou os alunos, Almir de Paula e Silva, da disciplina de história, a ideia é colocar em xeque alguns conceitos para que o aluno possa formar sua própria opinião, e isto só acontece quando ele tem a oportunidade de vivenciar o conhecimento.

Visita à Usina Batatais



Conhecer o passado é entender o presente para melhor construir o futuro

Com a publicação do número 95 do informativo AGROnegócio a ABAG/RP encerrou o ciclo ao qual se propôs quando de sua fundação: escrever sobre todas as cidades de sua área de atuação, a macrorregião de Ribeirão Preto, com 86 municípios. A história de cada um deles é, com certeza, a história do agronegócio regional. Suas atividades econômicas, sociais e educacionais são reflexo deste setor que move toda a região.

Até o século XVIII o nordeste do estado de São Paulo era um “sertão desconhecido”. Seu processo de ocupação começou com o antigo caminho ligando a cidade de São Paulo às minas de Goiás. Foram vários tipos de ocupação que deram origem aos povoados, e posteriormente às cidades. Primeiro o pouso, depois as fazendas de gado, logo em seguida o café, cujo plantio foi precedido pela fragmentação das enormes fazendas, em decorrência da obrigatoriedade do registro das propriedades junto à igreja católica.

A “terra roxa”, altamente favorável para a agricultura, não era regra. O cerrado, com sua característica de solo pobre, predominava na região, mas foi muito bem aproveitado. Os resultados podem ser medidos na excelência do cultivo do café, do algodão, da soja, da laranja, da cana-de-açúcar, do amendoim, da madeira, da seringueira, para citar alguns.

Foi o café que trouxe dinamismo à região. Carro chefe da economia paulista e brasileira na Primeira República, proporcionou profundas transformações sociais, políticas e econômicas. Com ele veio a ferrovia, os imigrantes, a cultura, a riqueza, enfim, o desenvolvimento. Por causa dele a região também conheceu o declínio, com a quebra da bolsa de Nova York

em 1929. Na reconstrução, homens do campo buscaram alternativas e escreveram uma nova história que foi a base da “Capital Brasileira do Agronegócio”.

A macrorregião de Ribeirão Preto é um dos pólos agroindustriais mais importantes do Brasil, por uma somatória de fatores: localização estratégica, vasta malha rodoviária, aeroporto, porto seco, mão de obra especializada, institutos de pesquisa, universidades e recursos naturais abundantes, entre outros, que conferem excelentes vantagens comparativas. O uso da tecnologia somado ao clima, água, solo e à “gente” trabalhadora e empreendedora colocam o “antigo sertão” num patamar de destaque para todo o país.

Ribeirão Preto, a maior cidade, com quase 600 mil habitantes, é referência em educação, saúde, entretenimento e comércio. Por sua imagem de grande centro urbano parece depender pouco do agronegócio, mas não é bem assim. São os municípios em um raio de 100 quilômetros, pujantes nas áreas agrícola e agroindustrial que impulsionam boa parte da economia ribeirãopretana.

A cidade mais antiga da região é Franca, fundada em 1821. Ponto de chegada dos mineiros que buscavam alternativas ao ciclo do ouro. Franca, que tem terras que chegam a 1.000 metros de altitude, mantém com orgulho seus cafezais, mas construiu uma linda história a partir da pecuária: uma indústria calçadista reconhecida no mundo inteiro. A segunda cidade mais antiga é São Simão, que era sede de comarca e tinha mais habitantes no século XIX, 35 mil, do que hoje, cerca de 15 mil. A febre amarela fez com que seus moradores fugissem para as pequenas vilas, como a de Ribeirão Preto. Foi em São Simão, em 1902, que o cientista Emílio

Ribas descobriu que a febre amarela não era contagiosa, e sim transmitida por um inseto.

A região é uma das maiores produtoras do Brasil de borracha natural, fato que surpreende até os moradores de cidades onde os seringais se desenvolvem. Colina, desde os anos 20, mais fortemente após a década de 60, apostou na heveicultura e hoje tem quase 1.500 hectares de seringueiras plantadas.

As surpresas ao escrever sobre as cidades se sucederam ao longo dos anos, por pequenos detalhes, como o nome do menor município da região, Trabiju, que segundo seus moradores deriva da exclamação da esposa francesa do engenheiro que lá chegou para construir a estação ferroviária: “très bijoux”, disse admirada com a beleza do local.

Outra história pitoresca é a que todo nuporanguense gosta de contar. O primeiro intendente (prefeito), Joaquim de Mello Marques, da agrícola Nuporanga, capitão-tenente, ex-aluno do Colégio Naval do Rio de Janeiro, desenvolveu lá o primeiro submarino brasileiro, com autorização do ministro da Marinha. O experimento foi notícia no “The Washington Post”, em 1901.

Em Sales Oliveira, a antiga mania de picar palha para o cigarrinho virou fonte de renda para muitas famílias. A palha, que era transtorno, hoje é comprada nos arredores e depois de prensada é vendida inclusive para fora do país. A exportação acontece até via sedex.

Cada cidade tem sua especificidade, seu ponto forte, suas curiosidades, seu grau de desenvolvimento, mas todas são “filhas” do agronegócio. As histórias contadas nos informativos da ABAG/RP não deixam dúvidas. Todas podem ser lidas no site www.abagr.org.br